

UMA ANÁLISE DA CATEGORIA TRABALHO

Da sua concepção psicológica "clássica" a uma perspectiva da psicologia sócio-histórica

Sônia da Cunha Urt^{*}

RESUMO: Análise crítica da concepção de Trabalho pela ciência psicológica considerando as três etapas do desenvolvimento da Psicologia do Trabalho: Taylorismo, Psicotecnia e a perspectiva Sociopsicológica. Discussão do trabalho como atividade vital concreta a partir do referencial da Psicologia Socio-Histórica de Leontiev e Rubinstein.

O TRABALHO COMO CATEGORIA PSICOLÓGICA

O que distingue o trabalho humano dos animais, e que o caracteriza, é a existência da consciência e da intencionalidade. Compreender de que modo os homens transformam a natureza, como se organizam, como produzem, é necessário para se compreender o comportamento do homem. As relações de trabalho determinam o comportamento do indivíduo e suas manifestações.

Ao considerar o trabalho humano como uma temática com a qual a Psicologia deveria se ocupar primordialmente, verifica-se que, ao contrário, a ciência psicológica só lhe tem atribuído um significado puramente ideológico, restringindo sua atuação a instrumentais de adaptação do homem às condições empresariais, abordando aspectos ligados à seleção, treinamento e avaliação de desempenho, destinados à conservação e manutenção da ordem estabelecida.

Nos primeiros momentos da história da humanidade, a relação do homem com a natureza através do trabalho é uma aprendizagem totalmente nova; porém, a relação do homem com a natureza nesta etapa consiste fundamentalmente na obtenção de alimentos para sua manutenção. Já nos momentos finais do estágio da comunidade primitiva e na etapa escravista, o homem trabalha não somente para sua manutenção, mas também para obter outros produtos. Podemos dizer que nesta etapa existe uma certa especialização nas atividades de trabalho e, num certo sentido, já se dá uma "aprendizagem laboral" (Diaz, 1987), ainda que não tenha a complexidade que existe em nossos dias.

* Profa. da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

Na etapa do feudalismo já se percebe a existência de uma aprendizagem para o trabalho, que consiste em atividades manuais, com a existência de um mestre especializado em determinada atividade que se reúne com um grupo de aprendizes para prepará-los para o desempenho de tal atividade.

Com o surgimento do capitalismo e os avanços na indústria, torna-se mais complexa a relação do homem com o trabalho. É com o capitalismo que a atividade de trabalho torna-se complexa devido ao desenvolvimento da técnica que requer uma maior preparação por parte do homem para realizar sua atividade. O desenvolvimento da ciência e o surgimento da Psicologia científica abrem novos caminhos para tornar o homem mais produtivo em seu trabalho.

Como se sabe, no século XIX, a Psicologia se torna ciência independente e ao final desse mesmo século surge a Psicologia Industrial, depois denominada Psicologia do Trabalho, como consequência da expansão do capitalismo e pela necessidade de o próprio desenvolvimento do sistema incrementar ao máximo a produtividade do homem e das máquinas.

Pode-se registrar três etapas no desenvolvimento da Psicologia do Trabalho. Na primeira etapa encontram-se as idéias desenvolvidas pelo engenheiro norte-americano F. Taylor (1856 - 1915), cujos trabalhos tinham como objetivo o estudo do tempo e dos movimentos operacionais, com o fim de criar as bases para uma execução mais racional do trabalho. A aplicação na indústria dos resultados dos trabalhos de Taylor levaram ao aumento da produtividade, porém, constituiu-se também numa via de exploração dos trabalhadores. O taylorismo como "método de racionalizar a produção,... possibilitar o aumento da produtividade do trabalho 'economizando tempo', suprimindo gestos desnecessários e comportamentos supérfluos no interior do processo produtivo,... aperfeiçoou a divisão social do trabalho... assegurando definitivamente o controle do tempo do trabalhador pela classe dominante". (Rago; Moreira, 1987, p. 10)

O sistema de Taylor consistia, principalmente, em colocar "o homem certo no lugar certo". Para isso foi necessária a análise das ocupações profissionais, descrevendo minuciosamente os seus requisitos relacionando-os às metas da produção.

"O 'homem certo para o cargo adequado' precisa ter, além das aptidões específicas, uma família correta, amigos adequados e, principalmente - pensamentos adequados. A condição humana fica assim submetida a requisitos abstratos da seleção profissional e é, sob todos os aspectos um 'negócio'..." (Merani, 1977, p. 27)

Na visão taylorista a concepção de trabalho se orienta muito mais ao estabelecimento de uma estratégia de movimentos econômicos do que aos processos psíquicos superiores que regulam a atividade humana. O alcance do taylorismo ultrapassou a linha das organizações e a sua máxima em intensificar a produção em um menor espaço de tempo, penetrou em vários campos da sociedade. "... no esporte ou no trabalho doméstico, procura-se obter o máximo rendimento do tempo, não raro obedecendo-se às regras e instruções ditadas por bulas e guias 'científicos' de racionalização do agir, do sentir e do pensar." (Rago; Moreira, 1987, p. 11)

A Psicologia do Trabalho sob a influência do sistema taylorista é fortemente criticada porque, ao tentar, através dos processos de seleção, treinamento e avaliação de desempenho, escolher "o homem certo para o lugar certo", acaba por fazer o jogo do capital, servindo como instrumento adicional de exploração do trabalhador.

A Psicotecnia aparece como a segunda etapa de desenvolvimento da Psicologia do Trabalho e é representada pela figura de Munsterberg. Essa corrente busca estudar e explicar, pela primeira vez, os componentes psíquicos que estão presentes na atividade de trabalho, como por exemplo, a percepção, a memória, o pensamento, a atenção, enfim, as características psicofísicas do homem. Os resultados destes trabalhos se expressaram na prática da seleção de pessoal e na formação profissional e também na orientação dos meios e movimentos de trabalho para evitar acidentes, fadiga e racionalizar o trabalho.

No taylorismo, o critério para a adequação do homem ao trabalho e sua consequente racionalização era a análise dos movimentos empregados na execução do trabalho; na Psicotecnia, o critério não é a rapidez e a economia dos movimentos, e sim, a segurança e harmonia em sua execução. Do ponto de vista ideológico, a Psicotecnia constituiu-se em um enfoque muito mais refinado que o taylorismo; porém, seus resultados também levaram a uma estabilização do sistema capitalista; como afirmou Munsterberg, "o experimento psicológico deve estar ao serviço planificado da atividade econômica".

Na terceira etapa há uma ênfase nos aspectos sociopsicológicos do trabalho, entre eles seus aspectos motivacionais, representada por Joseph Tiffin e Ernest McCormick. Estudam aspectos que vão desde a repetição prática de uma série de movimentos do trabalhador frente a uma máquina, até a informação dada ao trabalhador sobre a estrutura empresarial e seus produtos. Apesar de estes estudos apresentarem um avanço em relação às duas etapas anteriores, constata-se a concepção mecanicista do homem evidenciada nas idéias de mensuração, descrição e avaliação das etapas do comportamento do trabalhador.

A prática da Psicologia floresce com o regime industrial e sob os domínios do taylorismo, mas foi o início do século XX o marco de grande desenvolvimento da Psicologia que deslocou o enfoque da "psicologia individual" para a "psicologia dos grupos sociais", dando ênfase nas "relações humanas" dentro das organizações.

A Psicologia passa a se utilizar de técnicas específicas para facilitar a adaptação do homem ao trabalho, adaptação do trabalho ao homem e adaptação do homem ao homem, recorrendo à elaboração e execução dos Cursos de Relações Humanas, que acabam por camuflar as causas verdadeiras dos conflitos e das contradições existentes nas relações de trabalho.

As relações de trabalho afetam o comportamento do indivíduo, determinando suas expectativas, seus projetos de vida, sua afetividade e sua linguagem. A Psicologia deve, portanto, estudar o trabalho humano a partir das relações sociais, considerando que a configuração humana ocorre mediante as atividades do homem no mundo e as relações sociais que ele estabelece. Entretanto, nos livros de Psicologia, o trabalho é tratado simplesmente como um "aspecto" que pode interferir

na vida do indivíduo, ou então, sob a forma de "conselhos" para o indivíduo estabelecer relações humanas no trabalho "adequadas" às normas da organização.

Mais recentemente surgiram alguns estudos de Psicologia voltados a uma leitura das relações de trabalho, desocultando a opressão e a exploração do trabalhador, a fim de contribuir para a sua conscientização. Pagés (1987) realiza uma pesquisa sobre o fenômeno do poder nas organizações, comparando as formas de poder exercidas por uma empresa multinacional com uma empresa capitalista clássica. Ele tenta explicar a aceitação, por parte dos trabalhadores, de uma ideologia de lucro e de expansão, apesar dos conflitos e sofrimentos que os acompanham, verificando as representações inconscientes coletivas da organização. O controle político, ideológico e psicológico sempre existiu nas organizações, mas o que é novo "é a capacidade das empresas de penetrar nas esferas até então consideradas 'privadas', as dos ideais, dos valores, do estilo de vida e das estruturas da personalidade." (Pagés, 1987, p. 224) Pagés considera que o poder se instala por falhas nas relações entre os indivíduos, na falta de uma solidariedade orgânica entre os trabalhadores. Em sua pesquisa tenta demonstrar o duplo mecanismo da relação entre os limites da coesão dos empregados e sua aceitação da exploração. Propõe o conceito de "sistema sócio-mental" como um referencial que permite dar uma resposta a essas questões.

"O sistema sócio-mental constitui uma prática global da existência, cujos diversos aspectos esclarecem mutuamente seu sentido, que só pode ser lido nas relações entre as instituições sociais e as formas de investimento das quais são objeto (...) a dependência infantil à organização só tem um sentido de exploração pela análise do sistema econômico e, inversamente, a submissão à lógica econômica da organização só pode ser compreendida se intervir nas estruturas inconscientes (...) atacar ao mesmo tempo o desmantelamento dos grandes aparelhos de dominação, no nível do regime de propriedade, de suas escolhas econômicas básicas, e prosseguir um trabalho de desalienação básicas". (Pagés, 1987, p. 232 e 233)

Estas são, em síntese, algumas das contribuições da Psicologia para o estudo do trabalho humano. Leontiev, Vigotsky, Luria e Rubinstein veiculam e representam as idéias de uma Psicologia que considera o homem em uma perspectiva histórica e que implica uma nova forma de ver e estudar o trabalho humano.

A Atividade Humana : o trabalho e suas manifestações - uma perspectiva sócio-histórica.

O homem e a sua condição de vida sofreram modificações durante seu processo de evolução histórica, e foi preciso então, que as aquisições decorrentes da própria evolução da humanidade se fixassem através dos fenômenos externos da cultura material e intelectual, para serem transmitidas às gerações seguintes. A forma de fixação e de transmissão dessas aquisições foi permitida pelo fato de ter o homem uma atividade criadora e produtiva: o trabalho.

A atividade vital concreta - o trabalho - é a forma específica de interação pela qual o homem, como sujeito e organismo, se relaciona com o mundo. É pela atividade do trabalho que o homem modifica a natureza em função do desenvolvimento e da conseqüente satisfação de suas necessidades; constrói casas, confecciona suas roupas, trabalha na agricultura, etc.

O trabalho, como atividade especificamente humana, é um processo que liga o homem à natureza e é caracterizado por dois elementos interdependentes: o uso e o fabrico de instrumentos, e a atividade comum coletiva. O instrumento é o objeto com o qual se realiza uma ação, o produto de uma experiência social de trabalho.

Cada geração encontra no mundo objetos e fenômenos criados pelas gerações anteriores e apropria-se das riquezas deste mundo pela atividade do trabalho e outras formas de atividade social.

"Podemos dizer que cada indivíduo aprende a ser um homem. O que a natureza lhe dá quando nasce não lhe basta para viver em sociedade. É-lhe ainda preciso adquirir o que foi alcançado no decurso do desenvolvimento histórico da sociedade humana." (Leontiev, 1978, p. 267)

Segundo Leontiev, as aquisições do desenvolvimento histórico da "cultura humana" não são simplesmente "dadas" aos homens, mas apenas "postas". Para se apropriar desses resultados, o homem deve entrar em relação com os fenômenos do mundo real através da relação com os outros homens, pelo processo de comunicação com eles. Esse "movimento da história só é, portanto, possível pela transmissão às novas gerações das aquisições da cultura humana, através da educação." (p. 273)

A desigualdade existente entre os homens é produto da desigualdade econômica, das diferenças de classes e conseqüentemente das diferentes formas de apropriação das aquisições humanas.

A divisão social do trabalho proporciona a separação entre a atividade material e intelectual, o prazer e o trabalho, a produção e o consumo; assim, "enquanto globalmente a atividade do homem se enriquece e se diversifica, a de cada indivíduo 'tomado à parte' estreita-se e empobrece." (Leontiev, p. 275)

Com a concentração das riquezas materiais nas mãos de uma classe dominante, ocorre, também, nas mesmas mãos, a concentração da cultura intelectual. A desigualdade do desenvolvimento cultural dos homens serve muitas vezes para justificar a distinção entre raças "superiores" e "inferiores", justificação esta, ideológica, para levar à submissão os povos menos desenvolvidos econômica e culturalmente.

O homem não nasce dotado de todas as aquisições da humanidade. É preciso apropriar-se delas durante sua vida; mas "na sociedade de classes, mesmo para o pequeno número que usufrui as aquisições da humanidade, estas mesmas aquisições manifestam-se na sua limitação, determinadas pela estreiteza e caráter obrigatoriamente restrito da sua própria atividade; para a esmagadora maioria das pessoas, a apropriação destas aquisições só é possível dentro de limites miseráveis." (Leontiev, p. 283)

A consciência humana forma-se pela atividade. O aspecto psíquico da atividade, que expressa a relação concreta do ser humano com a realidade, deve ser objeto de estudo da ciência psicológica.

"...a relação do ser humano com a realidade depende dos seus processos psíquicos, do seu pensamento, etc, mas mais essencial é a dependência em que se encontram os seus processos psíquicos em relação com a sua atividade(...) A concreta e ativa relação da personalidade com o ambiente condiciona essencialmente o trabalho das suas funções e processos psíquicos e determina a sua orientação." (Rubinstein, 1977, p. 13)

É na relação ativa entre o homem e o mundo que se forja o significado da atividade, e que se manifesta sob a forma de uma real unidade e interação entre sujeito e objeto. Através da atividade o homem se impõe, como sujeito, na sua relação com os objetos que cria, e como personalidade, na relação com os outros homens sobre os quais influi por meio de sua atividade, e com os quais entra em contato por meio dela.

O homem não é um ser passivo, contemplativo; o homem é ação, movimento, atividade. E essa atividade não é algo só externo, mas é a própria manifestação do caráter do homem. O que caracteriza a atividade humana é o seu caráter consciente e orientado para um fim determinado.

Segundo Rubinstein, o trabalho que o homem realiza, e que surge da relação entre o objetivo e as condições de sua realização, é o mesmo que determina a sua estrutura psicológica, isto é, os processos psíquicos apresentam uma estrutura de ação externa e interna.

"Em toda atividade humana se estabelece necessariamente uma determinada relação entre o socialmente importante e o importante para o homem pessoalmente (...) O contraste que existe entre o socialmente significativo e o pessoalmente significativo(...) não se origina(...) no seu caráter(...) manifesta-se apenas quando o pessoal se limita estritamente ao individual-pessoal." (Rubinstein, 1977, p. 17 e 27)

O caráter social da atividade humana pressupõe uma dependência da tomada de consciência, da satisfação das necessidades pessoais da atuação, convertendo-se, portanto, de intuitiva em consciente, manifestando convergência e divergência entre o motivo e o fim da atividade.

As motivações da atividade humana estão vinculadas aos seus fins ou objetivos, ao atuarem como estímulo para atingir o referido fim; essa motivação porém, pode deslocar-se do objetivo.

Do ponto de vista psicológico, a penetração social na atividade humana é produzida pela valoração.

"A valoração tem como base os resultados da atividade, do seu êxito ou do seu fracasso, das suas vantagens ou méritos ou dos seus defeitos, por isso deve ser um resultado e não a finalidade da atividade. Para alcançar uma valoração positiva deve ambicionar-se o objetivo da ação propriamente dita. Aí onde a valoração se converte

no objetivo propriamente dito do sujeito ao qual se dirige, como se quisesse iludir o objeto direto da atuação, este não alcança, geralmente, nem um nem outro. Não existe nenhum meio mais seguro para frustrar seu êxito que o pensar apenas neste, esquecendo-se do meio para conseguir. Para se conseguir um êxito em qualquer coisa deve pensar-se mais nesta que no próprio êxito." (Rubinstein, 1977, p. 68)

O tipo de relações existentes entre o sujeito e o ambiente que o valoriza ou não, é que vai determinar a atitude em relação à valoração da atividade, que depende do nível da aspiração da personalidade do indivíduo.

Na sociedade capitalista onde a competição, o individualismo, são exacerbados, o sucesso e o êxito convertem-se na única e exclusiva finalidade de uma ação, o processo é preterido pelo produto, pelo resultado, e pela eficiência. Entretanto, o homem como ser consciente espera ou prevê uma valoração de sua atividade, que é por ela influenciada.

É preciso refletir, então, sobre a real caracterização psicológica do trabalho como atividade humana. O trabalho não é uma categoria psicológica, mas sociológica; é estudado do ponto de vista das Ciências Sociais e não da Ciência Psicológica. Portanto, o trabalho, na sua unidade ou conjunto, não é objeto de estudo psicológico, mas apenas enquanto vinculado ao componente psicológico do trabalho. Ora, se o trabalho é orientado para a criação de uma determinada produção, seja de bens ou serviços, ele é o meio mais importante para a formação da personalidade.

"No processo do trabalho não somente se cria um determinado produto da atividade de trabalho do sujeito, como é ele mesmo que se forma com o trabalho. Na atividade do trabalho desenvolvem-se as aptidões do ser humano, forma-se o seu caráter, forjam-se os seus princípios ideológicos e muda-se a sua atitude para com a atuação prática." (Rubinstein, 1977, p. 80)

O aspecto psicológico do trabalho depende de ser o trabalho uma atividade orientada para a produção de bens ou serviços necessários ou úteis para a sociedade.

Na atividade do trabalho estão presentes o projeto e o controle para a sua execução, que incluem uma disciplina interna para a sua consecução. Como o indivíduo não pode produzir os objetos necessários para a satisfação de suas necessidades, o motivo da atividade humana passa a ser produto da atividade dos outros, da atividade social, e não do próprio indivíduo.

As condições sociais objetivas determinam a concepção de trabalho como sendo um dever, que exige tensão, esforços, como uma maldição, ou então, uma questão de honra, de glória, de heroísmo. A atitude do sujeito para com o trabalho depende das relações objetivas que se refletem em sua consciência. O trabalho não abarca somente as relações do indivíduo com os objetos, com o produto de trabalho, mas engloba também as relações com as demais pessoas. A relação subjetiva do homem com o trabalho está condicionada pelas relações objetivas que se refletem na consciência humana.

Rubinstein assinala, porém, que: "Na sociedade capitalista, a qual se baseia na propriedade privada e na competição de todos contra todos, dominam na atividade

do trabalho as motivações individualistas e pessoais (no sentido da competição, da ambição pelo progresso individual, mesmo que este prejudique a causa comum). Deseja-se não só que corra tudo bem a cada um individualmente e se consiga alcançar o máximo possível, mas que corra tudo mal aos outros e que consigam menos possível. O principal é estar acima dos outros." (p. 82)

A natureza psicológica dos processos e operações mediante os quais o trabalho se realiza é fundamental na análise psicológica da atividade do trabalho, pois todos os aspectos e manifestações da personalidade do indivíduo estão presentes, embora se manifestem de modo diferente.

Leontiev e Rubinstein oferecem à Psicologia um novo suporte para a análise psicológica da categoria trabalho que permite a compreensão da construção da subjetividade nos processos e nas relações de trabalho, incluindo-se a categoria dos trabalhadores em Educação.

REFERÊNCIAS

- CODO, W.;SAMPAIO, J.; HITOMI,A. Indivíduo, trabalho e sofrimento. Petropolis, Vozes, 1993.
- DEJOURS, Christophe. A loucura do trabalho. 3 ed. São Paulo Cortez, 1988.
- DIAZ, Maria del Carmen V.M.O. Algunas consideraciones sobre el desarrollo histórico del aprendizaje laboral. Revista Cubana de Psicología. Vol. IV (1): 3 - 11, 1987.
- LEONTIEV, Alexis. O desenvolvimento do psiquismo. Lisboa, Horizonte, 1978.
- _____, Actividad, conciencia y personalidad. Buenos Aires, Ciencias del Hombre, 1978.
- MERANI, Alberto. Psicologia e Alienação. 2 ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1977.
- PAGES, Max et alii. O poder as organizações. A dominação das multinacionais sobre os indivíduos. São Paulo, Atlas, 1987.
- PAGES, Max. O trabalho amoroso: o elogio da incerteza. Lisboa, Vega, s/d.
- RAGO,Luzia;MOREIRA, Eduardo. O que é taylorismo. 4 ed. Sao Paulo, Brasiliense, 1987.
- ROUSSELET, Jean. A alergia ao trabalho. Lisboa, Edições 70, 1976.
- RUBINSTEIN, S.L. Princípios de Psicologia Geral. Lisboa, Editorial Estampa, 1972. 7 vol.
- URT, Sônia da Cunha. Uma análise psicossocial do significado do trabalho para os jovens. Tese de Doutorado, Unicamp, Campinas, 1992.